

PLATAFORMAS DE TRABALHO NO SETOR FITNESS: QUAL O FUTURO DESTE SERVIÇO?

Valmir Arruda de Sousa Neto¹
Edson Marcelo Húngaro²

O trabalho uberizado, que significa o suprassumo da exploração da força de trabalho através do uso de plataformas digitais, assume, na contemporaneidade, lugar de destaque nas relações sociais de trabalho. Esta forma de trabalho significa um enorme retrocesso pois o trabalhador, que recebe apenas por atividade realizada, tem que disponibilizar boa parte do seu dia para o labor, mesmo sem garantias que irá ter qualquer retorno financeiro ao final da sua jornada.

Neste texto, nos propomos a analisar a oferta de serviço da chamada “indústria *fitness*” - que engloba professores e professoras de Educação Física que atuam como *Personal Trainer*, em assessorias esportivas e nas demais atividades que compõem esse estrato do mundo do trabalho - que passa a ser efetivada em plataformas digitais e em plataformas digitais de trabalho -, buscando compreender sua forma de funcionamento e o potencial financeiro desse mercado.

O crescimento do setor fitness no Brasil é apontado pela Revista da Associação Brasileira de Academias - ACAD, em sua matéria de capa intitulada “Mercado mundial do fitness: principais players e mudanças no top ten”³. De acordo com a matéria, a indústria mundial do fitness havia alcançado, no ano de 2017, a marca de 174 milhões de clientes espalhados por 201 mil academias pelo mundo, resultando num faturamento estimado de 87,2 bilhões de dólares. Apesar de serem números bem expressivos, a International Health, Racquet & Sportsclub Association - IHRSA, estipulou uma meta de 230 milhões de clientes/alunos até o ano de 2030, representando um crescimento de 32% em pouco mais de uma década, apostando no mercado brasileiro como um potencial captador desse público.

No que se refere à organização e gestão laboral, para os trabalhadores e trabalhadoras da indústria *fitness* o modelo de produção toyotista foi disseminado em sua plenitude, desde ideias de flexibilização produtiva à categori-

1 Doutorando em Educação Física pela Universidade de Brasília (FEF/UNB), Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Campus Canindé e membro do Grupo de Pesquisa e Formação Socio-crítica em Educação Física, Esporte e Lazer da Universidade de Brasília (AVANTE UNB).

2 Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP (2015), Doutorado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Professor Associado da Faculdade de Educação Física/FEF da Universidade de Brasília - UnB e coordenador do AVANTE - FEF/UnB.

3 Edição nº82, de agosto de 2018.

zação do aluno como cliente e do professor como colaborador. No contexto atual, a indústria *fitness* se torna um “laboratório” para as experiências do empreendedorismo, como pode ser observado desde o início dos anos 2020. O *blog* da Fundação Instituto de Administração⁴, por exemplo, traz em destaque aplicativos, aulas *online*, *coaching* de saúde e consultoria *online*, além de ressaltar a autonomia dos clientes e a necessidade de flexibilidade dos serviços prestados pelos profissionais da área.

No contexto mais recente da moderna economia capitalista, a indústria *fitness*, como parte integrante da grande “indústria de serviços”, passa a adotar o novo modelo de negócio que ganha espaço no mundo globalizado: a plataforma do trabalho.

Neste texto, destacamos as plataformas que são mais recorrentes nos sites de busca e que apresentam características diferentes de funcionamento, apesar de alimentarem a mesma racionalidade neoliberal, frisando que são apenas “mediadoras” entre o/a prestador do serviço e o/a cliente. Num primeiro momento, as diferenças entre essas plataformas não ficam tão evidentes, mas, ao nos debruçarmos sobre o funcionamento de cada uma delas conseguimos enxergar suas peculiaridades no que diz respeito às formas de extração de mais valia de trabalhadores e trabalhadoras do *fitness*.

Na tabela a seguir apresentamos as plataformas digitais e as plataformas digitais de trabalho pesquisadas, analisando suas funções e as formas como os/as profissionais podem, ou não, vender sua força de trabalho.

Plataformas da Indústria do Fitness

PLATAFORMA	TIPO DE SERVIÇO	VINCULAÇÃO PROFISSIONAL
NikeTrainingClub https://www.nike.com.br/LandingPage/Index/para-treinar/ntc/app-nike-training-club/	Rotina de Exercícios conforme o nível de aptidão do usuário (o próprio aluno “determina” esse nível); Acompanhamento individualizado (aulas gravadas ou atendimento <i>online</i>) ou em grupos; Diversificação de atividades (musculação, yoga, corrida, ginástica).	Os professores de Educação Física responsáveis pela organização desses treinamentos atuam através de contratos (prestadores de serviços); os vencimentos variam conforme os serviços contratados.
Hora do Treino https://horadotreino.com.br/	Oferece os serviços de <i>personal trainers</i> (acompanhamento de treinamento, orientação de caminhadas e corridas, etc) conforme localização do cliente (semelhante aos serviços da Uber). Isto é, aquele que estiver mais próximo ao local que o cliente deseja atendimento será direcionado para realizar o serviço. A plataforma explicita aos usuários que a responsabilidade pela realização e qualidade do trabalho é dos profissionais.	A plataforma repassa aos/as trabalhadores apenas um percentual do que foi pago pelo cliente (em torno de 65%); afirma que não tem funcionários, e sim parceiros/as, e que não há nenhum vínculo entre a plataforma e o/a prestador do serviço.

4 Disponível em <https://fia.com.br/blog/mercado-fitness/> acessado em 01/08/2021.

<p>GymPass https://site.gympass.com</p>	<p>A plataforma funciona como uma grande “cooperativa” na indústria do <i>fitness</i>, uma espécie de <i>pool fitness</i> capaz de juntar celebridades a grandes marcas de academias e suplementos oferecendo os mais variados serviços nessas áreas.</p>	<p>Para que o profissional ou a empresa possa fazer parte da plataforma é necessário aderir a um plano - conforme queira dar visibilidade a sua marca. São oferecidos pacotes para cada perfil de cliente.</p>
<p>MeuAppFitness https://www.meua-pffit.com.br/</p>	<p>Oferece suporte aos profissionais do <i>fitness</i> que estão migrando para o atendimento virtual, com disponibilização de vídeos e programas que auxiliam na formulação dos treinamentos de uma forma em geral.</p>	<p>O professor paga um pacote de serviços (postagens, site, vídeos, etc) conforme sua necessidade e recebe o suporte desse serviço ao longo de seu contrato.</p>
<p>Freeletics https://www.freeletics.com/pt/</p>	<p>Diferencia-se das demais plataformas pois ela se utiliza apenas de inteligência artificial em todo o processo de formulação de rotinas de treinamento. Inteligência artificial que é alimentada, unicamente, pelas informações enviadas pelos próprios/as usuários/as, não havendo nenhuma participação de <i>personal trainer</i> ou qualquer outro/a trabalhador/a da indústria do <i>fitness</i>.</p>	<p>Não há oferta de serviço de <i>personal trainer</i> ou qualquer outro profissional da indústria do <i>fitness</i>.</p>

No que se refere à relação das plataformas de treinamento com seus clientes, é interessante ressaltar, ainda, que seus modelos de treinamento se utilizam da *gamificação*, isto é, de mecânicas e características de videogames para engajar e motivar comportamentos em torno do ideário de superação. Afinal, na ausência de profissionais que estejam presencialmente motivando os usuários as plataformas precisam encontrar outras formas para mantê-los envolvidos; tanto a partir da gamificação como do discurso da responsabilização e das vantagens da flexibilidade possibilitada pelos treinos *on line*.

Voltando à questão do trabalho, no caso das plataformas onde há o trabalho realizado pelos professores e professoras da indústria *fitness*, observamos que é comum a busca pela captura da subjetividade destes sujeitos através do falso discurso do empreendedorismo e de que não haverá mais possibilidades de trabalho para aqueles profissionais que ficarem fora do mundo digital. Sem dúvida não se trata aqui de uma negação dos avanços tecnológicos, mas sim de uma problematização desses avanços quando voltados, apenas, para a ampliação da exploração do trabalho humano.

Assim, não bastasse o enfrentamento das condições de trabalho impostas pela política neoliberal, que destrói conquistas trabalhistas e fragiliza os instrumentos de luta da classe trabalhadora, o professor e a professora da indústria *fitness* também estão diante do desafio de lidar com os avanços tecnológicos que, contraditoriamente, não significam melhoria nas suas condições de trabalho. Ao contrário, a forma como a tecnologia tem sido utilizada pelas

empresas do setor aponta para uma violenta transformação no campo de trabalho da Educação Física, com o aumento da informalidade e uma reformulação na formação e habilitação para o trabalho desses sujeitos. A indústria do *fitness* segue a lógica geral que assola o mundo do trabalho e brutaliza os seres humanos a partir da superexploração do trabalho, sinalizando um futuro nada promissor e que, por sua vez, demanda a atuação do setor público na regulação deste processo, bem como a participação dos profissionais da área na reorganização do trabalho.